

MESSIANISMO TRANSGRESSOR

CHEIRO VENTRE FRENTE VERSO DE MULHER

SABIA QUE A RELIGIÃO É UMA LINGUAGEM ?

Um jeito de falar sobre o mundo...

Em tudo, a presença da esperança e do sentido...

Religião é tapeçaria que a esperança constrói com palavras.

E sobre estas redes as pessoas se deitam.

É. Deitam-se sobre palavras amarradas umas nas outras.

Como é que as palavras se amarram?

É simples. Com o desejo."

(*Rubem Alves, A rede das palavras*)

Profa. Nancy Cardoso Pereira

Quais seriam então os desejos que amarrariam aqueles nomes tão inesperados entre os esperados? O que juntaria estas poucas mulheres aos muitos homens?

Que jeito é este de começar a dizer da boa-nova, de apresentar o Messias...? Que messianismo é este? Quem pode se deitar numa rede de nomes tão estranha como esta? Um nome atrás do outro costura as esperanças na dobra do inusitado... o sentido entretecido nas franjas do que não tem sentido.

A primeira página do Evangelho exala um cheiro forte de mulher: entre suadas e perfumadas, mulheres expõem seus corpos como um convite, mais que isto... um desafio. Estão aqui por causa deste cheiro de corpo de mulher e sabem disso. De prazer e de dor,

de esforço e preguiça, na luta e na cama, no muro e no caminho, na roça e no palácio. Coxas, braços e pescoço, ventre, frente e verso de mulher.

Lá estão elas: rodeadas e quase silenciadas pela presença majoritária de homens, todos eles *pais* e alguns bem conhecidos como Abraão e Davi. É justamente na convivência difícil e no atrito inevitável entre os nomes dos *pais* e os nomes dessas mulheres que se intrometem na genealogia do Messias que mora toda a beleza e novidade da proposta evangélica.

" *Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão...*"

Pra quê começar o Evangelho assim ...com uma genealogia?

Mais do que introduzindo o Evangelho de Mateus, esta lista de nomes abre o Novo Testamento. A pesquisa tradicionalmente reconhece a importância da genealogia como um gênero literário para apresentação de pessoas importantes, no caso de Jesus a importância está na vinculação familiar com Davi.¹

A leitura que se contenta com o aspecto formal da genealogia reforça a importância de vincular o evento Jesus Cristo com a tradição do Antigo Testamento² traçando um fio interno de sentido e continuidade na história que apontaria de modo inequívoco e definitivo para a realização messiânica. Aqui, interessa mais a divisão em gerações e a organização da história em grandes blocos históricos: Abraão, Davi e o exílio que preparam o caminho para o Messias.

De tal modo já sabem o que querem dizer sobre o Evangelho e Jesus Cristo que nem se dão conta do cheiro de mulher insistente que Mateus capítulo 1 tem. De algum modo, a pesquisa consegue neutralizar a presença das mulheres mergulhando-as num discurso pré-fabricado sobre o messianismo.

É o mesmo procedimento que caracteriza a interpretação dos evangelhos da infância no geral e de Maria em particular: as narrativas são tratadas como teologia secundária e mero canal de passagem para os relatos e acontecimentos que interessam e que se aglutinam em torno dos relatos da paixão e ressurreição.

Sem instrumental capaz de trabalhar o corpo de mulher esparado pelo evangelho, idealizam a gravidez, mistificam a maternidade e expropriam a sexualidade de Maria, isolando-a de suas companheiras presentes no primeiro capítulo de Mateus. Isolada e alienada de seu corpo, Maria já não interfere na compreensão do messianismo da comunidade de Mateus. Todo o discurso e dogmas que se produziram ao redor de Maria foram costurando sistemas que já não nos permitem perguntar pelo cheiro de seu corpo de mulher perfumado e suado como o corpo das outras mulheres da genealogia.

Mas, é através do cheiro do corpo dessas mulheres que se sustenta o messianismo popular e transgressor da comunidade de Mateus e suas muitas mulheres.

Sem a pretensão de apresentar um trabalho exaustivo que contemple todas as variáveis da pesquisa sobre messianismo, esta reflexão tem como motivação respirar utopias que recusam ser administradas pela tradição ou instituições e insistem em se fazer presente.

A genealogia de Mateus 1 é, ao mesmo tempo, conteúdo e forma. Interessa o que é dito e como é dito. Interessa também o que não é dito: as omissões constroem vazios de sentido que interagem com o discurso.

Tradicionalmente a genealogia tem linhagem patriarcal. O nome do pai garante a legitimidade da descendência. Funciona assim nas genealogias presentes por todo o texto do AT. Mais do que registro, a genealogia tem função política, econômica e teológica (Esdras 2). Se por um lado pode ser avaliada como instrumento da elite na confirmação de mecanismos de poder e opressão, pode ser também instrumento de resistência e organização (Gênesis 4,25; 5) na formulação de messianismos populares.

A genealogia de Mateus 1 tem a intenção de registrar a origem de Jesus Cristo (v.1) e conclui afirmando-o como Messias (v.17).

Também na introdução aparecem os eixos da visão messiânica oficial: Abraão, Davi (v.1). A conclusão acrescenta o exílio (v.17). A disposição da genealogia aparentemente dispensaria a leitura dos nomes que se seguem do vv.2 ao 16.

Mas, uma leitura cuidadosa levanta algumas opções no mínimo estranhas. Seguindo a via paterna, a genealogia cita algumas mulheres e outras não, sem apresentar os critérios para tal seleção. Cinco mulheres são nomeadas sendo a última Maria.

As omissões de nomes como o de Sara, Rebeca, Raquel e outras e a lembrança de mulheres como Tamar, Raabe, Rute e Bate-Seba demonstram que a listagem não é aleatória mas que tem uma intencionalidade.

Jane Schaberg aponta para uma mesma situação sociológica entre todas elas:

1- todas estão fora das estruturas familiares patriarcais;

2- as quatro são injustiçadas pelo mundo masculino;

3- todas são apresentadas como infratoras em situação sexual imprópria;

4- homens acabam retificando a situação de todas elas³

1. VV.AA, *Leitura do Evangelho segundo Mateus*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1982. p.30
2. ALGISI, Leone, *O Evangelho de São Mateus*, in: *Introdução à Bíblia - Os Evangelhos*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1972. p.174

3. SCHABERG, Jane, *As antepassadas e a mãe de Jesus*, in: VV.AA, *Maternidade experiência, instituição, teologia*, Concilium/226, Vozes, Petrópolis, 1989 (6). pp.117-125

Seria possível acrescentar algumas variáveis: estrangeiras, donas de seu corpo, assumem seu desejo e sua sexualidade e por causa disso entram escandalosamente para a história do povo, a história da salvação.

Nenhuma dessas mulheres é culpabilizada por suas ações transgressoras. Atravessa a Bíblia esta memória incômoda de cheiro forte que insiste em situar estrategicamente algumas mulheres com seus corpos: a genealogia de Mateus propõe uma alternativa historiográfica que redimensiona o passado do povo. É uma alternativa de leitura da história de Israel que não mais se sustenta em suas instituições e tradições oficiais. O exercício da genealogia de Mateus não é a de somente justapor o nome dessas mulheres como preferem alguns pesquisadores⁴. A moldura de Abraão e Davi é criticada e superada na perspectiva de um messianismo trans-gressor que não passa pelo pai nem pelo rei. É para o corpo de Maria que a genealogia aponta, não por sua virgindade, mas pelo tanto de transgressão e novidade que ela assume na sua gravidez.

OS MUITOS LUGARES DO DESEJO

O messianismo de Mt 1 não deveria ser novidade. No AT, não se poderia apontar para um modelo messiânico mas sim para muitas formulações messiânicas. Sendo assim, deveríamos olhar também para o NT com uma perspectiva de pluralidade de mediações messiânicas.

Em termos da pesquisa bíblica, a dificuldade se localiza no monopólio que a cristologia como teologia dogmática/sistemática vem tendo no trato com os materiais de messianismo tanto no AT como no NT. Os eixos da discussão cristológica têm reduzido e simplificado as variações e diversidades dos modelos messiânicos que atravessam todo o texto bíblico subjugando a pluralidade de mediações aos interesses da construção de um cristianismo monolítico, prepotente e autoritário, mesmo quando afirma um Cristo servo, sofredor e pobre.

Do mesmo modo as ciências da religião têm introjetado para dentro do tratamento dos textos seus preconceitos e pré-compreensões do fenômeno religioso e dos movimentos messiânicos em particular. Alexandre Otten em seu livro

sobre a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro intitulado "*Só Deus é grande*"⁵ mapeia um pouco da história da pesquisa em relação aos movimentos messiânicos no Brasil. Historicamente, os movimentos messiânicos vêm sendo entendidos a partir de eixos científicos que trabalham a partir da psicologia do comportamento, de um culturalismo que acaba vendo Canudos como expressão do mundo trágico-fatalista do sertanejo ou como traços da insanidade da sociedade mestiça. Outras interpretações de fundo antropológico e sociológico vão avaliar o projeto de Canudos a partir do predomínio da realidade econômica, assumindo assim o messianismo traços de primitivismos insurreccionais numa perspectiva progressiva de consciência dos processos sociais. O messianismo seria assim uma fase anterior de um movimento político mais avançado. Poderia ser também a expressão da impotência histórica de segmentos rústicos da sociedade funcionando assim como modelo de sobrevivência e resistência.

Cada uma dessas chaves hermenêuticas permite ou não avaliar o movimento em termos de sua efetividade de conquistar seus objetivos e sua correspondência ou

não com o projeto social hegemônico. Sendo assim, para muitos, Canudos não passou da expressão de setores atrasados do sertão baiano contra a modernidade da República. Para outros, a formulação possível de resistência de um grupo subalterno sem alternativa de poder viável. A religião funcionaria então como um meta-discurso, uma pesada estratégia política. Otten apresenta uma vertente sociológica e antropológica que, disposta a trabalhar com o universo do religioso sem pagar o resgate exigido pelas ciências, pela dignidade destas, fala sobre o mundo como aqueles que vão tratando de investigar os messianismos variados de modo a identificar seu projeto factível, as alternativas que efetivamente colocam diante do grupo e da sociedade em questão. Canudos não foi somente o lugar de resistência bronca ou da ingenuidade de um movimento político sub-desenvolvido. A pesquisa vem demonstrando quais eram as possibilidades econômicas e políticas que o movimento efetivamente colocava, exigindo que se desloque o olhar para as pretensões utópicas e se encare o exercício do poder e as mediações no nível do discurso e das práticas que o movimento assumia.

4. MOSCONI, Luis, *Evangelho segundo Mateus*, in: A Palavra na Vida n.29/30, CEBI, Belo Horizonte, 1990. p. 51

5. OTTEN, Alexandre, *Só Deus é grande - a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, Loyola, 1990. 394 p.

Todas estas questões acabam repercutindo para dentro do trabalho com a Bíblia: o estudo dos muitos messianismos acaba sofrendo influência dos interesses da pesquisa. Neste sentido tem sido possível trabalhar com o messianismo do movimento de Jesus, tendo como parâmetro as utopias e mediações dos movimentos populares e pastorais. Os elementos considerados exóticos, mágicos, míticos, transgressores e performativos que as narrativas mantêm acabam sendo deslocados para um segundo plano ou passam por uma redução alegórica funcionando como jogo de cena. Recuperar os messianismos em suas dinâmicas, assumindo o religioso como elemento de construção dos discursos e práticas sobre as mediações de presente e futuro é que pode garantir uma perspectiva mais adequada dos movimentos messiânicos em sua pluralidade.

Talvez aqui valeria à pena explicitar o que entendo por messianismo. O termo Messias vem do hebraico sendo sua tradução mais corrente: Ungido. O sentido seria o de eleição e mediação. Trabalho com a alternativa apresentada por Sandro e Ana Maria Gallazzi:

“Messianismo não é o mundo futuro, mas a opção, a escolha do presente, que pode aproximar, concretizar o futuro... quando falamos de messianismo estamos nos referindo não tanto aos valores, às utopias, às metas que desejamos alcançar, quanto aos meios, aos instrumentos, às ideologias que empregamos para alcançar metas, utopias e valores... o conflito se dá quanto ao “como”, ao “com que” e “com quem” chegar lá.”⁶

No AT seria possível reconhecer algumas expressões messiânicas que, a título de exposição, poderiam ser organizadas da seguinte maneira:

1- messianismo do palácio

com origem na corte de Salomão II Sm 7; I Rs 1 a 8;

2- messianismo do templo

em especial na OHC e em torno do Segundo Templo;

3- messianismos proféticos

* um profeta como Moisés Dt, Elias

* um menino nascido de mulher jovem (I Isaías)

* o servo-sofredor (II Isaías)

* das mulheres > Ana/Messias (1 Sm 1-2);

4- messianismos sapienciais

* erótico/relacional - Cantares (6,9) onde a mulher é apresen-

tada como *imaculada*; a tradução aqui poderia ser mais generosa pois no hebraico teríamos: *ser completa, finalizada, totalidade, ser perfeita, vir a um fim, ser consumado, perfeição, integridade.*

* cotidiano > Eclesiastes (9,7ss);

5- messianismo apocalíptico

Filho do homem (Dn 7,13).

A poesia me salvará...

Infelizmente estas muitas possibilidades messiânicas não são consideradas no estudo da compreensão do messianismo de Jesus e seu movimento. No tempo de Jesus muitos se apresentaram como Messias⁷ alimentando-se de muitas destas expectativas libertadoras pós-exílicas. Nos evangelhos podemos identificar elementos dessa pluralidade messiânica. De modo particular me interessa o messianismo da comunidade de Mateus, em especial na genealogia do capítulo 1.

Quem sustentaria um Messianismo como esse? Quem na comunidade de Mateus? Que outras concepções messiânicas convivem no testemunho da comunidade de Mateus? Seria mesmo possível dizer de um messianismo transgressor sustentado pela experiência e espiritualidade de mulheres?

Elas estão presente nos relatos da morte e ressurreição, mas quase desaparecem no transcórre do Evangelho. Mas não é assim. O cheiro do corpo dessas mulheres na vida de Jesus foi presença constante como a memória registra em Mt 27, 55 e 56:

“Estavam ali muitas mulheres, observando de longe: eram as que vinham seguindo a Jesus desde a Galiléia, para o servir; entre elas estavam Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e de José e a mulher de Zebedeu.”

Esta informação escondida no pé da cruz coloca a pergunta por essas muitas mulheres durante todo o ministério de Jesus e no registro das memórias.

Elas o seguiam *desde a Galiléia...* desde o começo, mas elas não estão listadas entre os discípulos nem presentes de modo explícito nas conversas.

Chama atenção a narrativa do capítulo 26 de Mateus onde a mulher entra com o perfume e unge Jesus num gesto explícito de identificação messiânica. A mulher não operou com elementos davídicos ou abraâmicos, nem reforçou um discurso sobre o pobre. A mulher unge o **corpo** de Jesus, perfumando assumindo assim uma possível linha de continuidade com mode-

6. GALLAZZI, A.M. & S., *O pobre, o Messias-Ungido*, in: *Reflexões da brisa leve*, CEBI, 1991

7. HORSLEY, Richard, *Bandits, Prophets and Messiahs - Popular Movements in the time of Jesus*, Harper & Row, New York, 1975

los messiânicos minoritários. É o corpo transfigurado de beleza e resgatado do sofrimento que faz a mediação do projeto de salvação.

Não significa afirmar esta mediação como única possível, mas colocar o desafio de trabalhar com pluralidade de mediações salvíficas. Fica então o desafio de resgatar a reflexão messiânica na Bíblia em sua diversidade, aprendendo a ler os Evangelhos sem reduzi-los a formulações dogmáticas que inviabilizam a interlocução com outras experiências de salvação.

GUIA

A poesia me salvará.

Falo constrangida, porque só Jesus Cristo é o Salvador, conforme escreveu

um homem - sem coação alguma atrás de um crucifixo que trouxe de lembrança

de Congonhas do Campo.

No entanto, repito, a poesia me salvará.

Por ela entendo a paixão que Ele teve por nós, morrendo na cruz.

Ela me salvará, porque o roxo das flores debruçado na cerca perdoa a moça do seu feio corpo. Nela, a Virgem Maria e os santos consentem

no meu caminho apócrifo de entender a palavra

pelo reverso, captar a mensagem pelo arauto, conforme sejam suas mãos e olhos.

Ela me salvará. Não falo aos quatro ventos,

porque temo os doutores, a excomunhão

e o escândalo dos fracos. A Deus não temo.

Que outra coisa ela é senão Sua Face atingida da brutalidade das coisas?

(Adélia Prado)

Endereço para correspondência com a autora:

Casa da Reconciliação
Rua Afonso de Freitas, 704 - Paraíso
04006-052 - São Paulo - SP
(aos cuidados do Pe. José Bizon)

MESSIANISMO: CONCLUSÕES DA SEMANA

Pe. Dr. Antonio Manzato e
Pe. Dr. Márcio Anatole S. Romero

Após três noites de reflexão sobre o messianismo algumas conclusões se impõem. Nestes estudos o tema foi abordado primeiramente numa perspectiva histórica e sociológica, depois na sua relação com a política, e, finalmente, como movimento presente na Bíblia sob diversas formas. Esta última parte privilegiou algumas das grandes intuições da teologia bíblica de inspiração feminista. Este curto texto quer, a título de conclusão ou de síntese, assinalar cinco pontos que podem ser indicados como eixos comuns, presentes nas diferentes contribuições trazidas para essa semana teológica. São eles: a) a pluralidade de perspectivas b) a dimensão crítica, c) a utopia como alternativa, d) a encarnação das mediações e, finalmente, e) a dimensão religiosa.

A pluralidade de perspectivas

Existem muitas portas para se entrar na discussão do tema. A escolha de uma, em detrimento de outras, é uma opção que deve ser feita em vista dos objetivos aos quais as indagações sobre este assunto querem responder. Contudo, é sem-

pre bom lembrar que uma vez escolhida uma porta de entrada, sempre será, não somente possível, como também recomendável, perceber as diferentes implicações que o tema apresenta. Assim, entrando na discussão pela problemática histórica, por exemplo, não se pode esquecer as implicações religiosas, políticas, utópicas, etc. Em outras palavras, pode-se dizer que o messianismo é um fenômeno complexo que exige uma abordagem interdisciplinar.

A dimensão crítica

A partir de uma observação sociológica poder-se-ia dizer que o movimento messiânico manifesta-se onde existe insatisfação com o presente. Neste sentido, o messianismo se apresenta como contestação de uma determinada ordem de coisas. Um dos pontos fortes presente nas reflexões feitas aqui foi a percepção de que a dominação, a exploração — com todas as conseqüências que tal ordem traz consigo — podem fermentar uma crítica do presente. Ou, muito mais que uma crítica, a conscientização da dominação, as-